

Raça, classe e revolução: a luta pelo poder popular nos Estados Unidos

GABRIEL LANDI E JONES MANOEL (ORGS.)

São Paulo: Autonomia Literária, 2020. 351p.

Marcelo Bamonte*

“Toda crise política, independentemente de seu término, também é útil no sentido de que traz à luz do dia o que é latente, que ela põe em evidência os móveis da política, que ela desvenda as manifestações e destrói as ilusões, as frases e as ficções, que ela mostra de um modo concreto e enfia a cabeça adentro, por assim dizer, o que é.”

Florestan Fernandes, ao estudar o pensamento político de Lênin, foi, com a citação acima, ao cerne da questão no que tange à preocupação revolucionária de ruptura sistêmica: atingir a raiz do problema. É exatamente essa missão que a coleção “Quebrando as correntes” cumpre, com o lançamento da obra *Raça, classe e revolução*.

Organizado por Jones Manoel e Gabriel Landi, ambos militantes comunistas organizados, a coletânea de textos, que tem enfoque na luta pelo poder popular nos Estados Unidos, traz pela primeira vez ao público brasileiro escritos que visam não apenas expandir o aporte teórico do leitor, mas muni-lo com as armas da crítica – expressão já categorizada por Marx para a alteração efetiva da práxis –, ou seja, para a compreensão de dado momento histórico e para a transposição

* Jornalista e tradutor. E-mail: marcelob.seoane@gmail.com

das lições de tal momento para a sua conjuntura atual. O trabalho é, portanto, um ato de militância a partir da teoria, já adotando, logo de início, um caráter que se distancia do modelo acadêmico de debates, mesmo sem abrir mão de um estrito rigor teórico compromissado com a fidelidade da teoria.

A coletânea nos oferece as armas do pensamento ao mesmo tempo que realiza o combate político, munindo-se de tais armas. Isso configura o primeiro ponto de três itens-chave que caracterizam o livro.

No prefácio, de forma expositiva e extensa (a julgar pelo tamanho da parte inicial, com mais de sessenta páginas), os autores realizam o embate das ideias desconstruindo os mitos liberais acerca da constituição do ideal universal dos Estados Unidos como modelo democrático de nação, expondo a brutalidade de sua formação sócio-histórica. Essa seção é dividida em tópicos intitulados “A cor da liberdade, democracia e liberdade nos Estados Unidos”, “A banalização do racismo: Hannah Arendt e a filosofia antinegra”, “A vanguarda marxista do povo negro nos Estados Unidos” e “Os dilemas da revolução estadunidense”.

Após a leitura dessa parte inicial, nota-se, então, a primeira chave de compreensão da obra: há uma clara – e bem-sucedida – tentativa de fazer uma crítica ao liberalismo, ao capitalismo e à dominação burguesa desde a periferia do sistema, abrindo leques de interpretação e crítica que nos permitem fazer um balanço não apenas dos enclaves revolucionários nos Estados Unidos, mas do próprio século XX enquanto espaço de florescimento das lutas anticoloniais, observando a transformação da luta de conceitos travada com afincos pela modernidade burguesa, que busca afirmar o capitalismo como único modelo de produção possível.

O “Prefácio”, portanto, trava uma forte crítica ao conceito de democracia burguesa, demonstrando de forma didática as imitações históricas do conceito tanto quanto a implicação prática da aplicação de tal formulação aos povos oprimidos. A obra oferece também um grande aporte teórico para a crítica dos pensadores liberais, resgatando os debates marxistas que oferecem, por exemplo, uma alternativa ao conceito de “decolonialismo” e “pós-colonialismo” surgidos na modernidade – por vezes, travestidos de teorias libertadoras, mas que nada fazem para combater o universal criado pelas categorias dominantes. Como demonstram os autores, as teorias marxistas, diferentemente das liberais, apontam o racismo como um complexo social, político, ideológico e econômico que constitui o “branco” como um padrão universal e ideal. Tal formulação é imposta e reforçada a partir de uma série de aparelhos ideológicos e práticas materiais, que emergem das condições de produção e reprodução da vida. Tais condições, é claro, estão imersas na luta de classes e na contradição inerente entre exploradores e explorados.

A segunda chave para a interpretação de *Raça, classe e revolução* pode ser observada pela primorosa seleção de textos. A divisão é realizada com os subtítulos: “O poder negro”, “A coalizão arco-íris”, “O poder marrom”, “O poder amarelo”, “O poder branco” e, por fim, “O poder vermelho”. Percorrendo os escritos dos Panteras Negras, como o primoroso texto “Sobre a ideologia do Partido dos

Panteras Negras”, até o debate dos Jovens Patriotas e do movimento I Wor Kuen, observa-se mais uma determinante preocupação da coleção: recolocar no centro da agenda política das esquerdas o anti-imperialismo e o anticolonialismo.

Sendo o Brasil palco de projetos de extermínio de população negra e de povos originários, os textos selecionados cumprem a função de elevação da consciência de classe, trazendo à luz não apenas o panorama histórico estadunidense, que muito contribui para tomarmos ciência das lutas prévias dos povos oprimidos, mas põem como central a questão de que somente a ruptura sistêmica, através da luta organizada, pode realmente libertar os povos oprimidos.

Os pilares da ideologia racista a todo instante buscam inverter a lógica do sentido do *constructo* histórico, ou seja, em tempos de agravamento da contradição entre capital-trabalho, visam exaltar o negro como se fosse o universal da identidade, valorizando sua pele, cultura, religião e o colocando em evidência. Trata-se, porém, de uma armadilha. O que está em jogo para os povos oprimidos, como demonstra o livro, é o horizonte de superação do racismo estrutural. Tomando a revolta em mãos e não a aparência pela essência, como já dizia Marx em *O capital*, o horizonte estratégico deve mirar a destruição do processo de racialização. Alterando as formas de produção do capital e das relações sociais e culturais criadas historicamente mediante expansão e domínio da modernidade colonial, modifica-se o próprio conceito de identidade e o que significa ser negro, ser um povo oprimido etc.

A principal contribuição do livro, de forma conclusiva, aborda a terceira e última chave de interpretação da obra como um todo: ressalta, de forma organizada, sistemática e inédita, a divulgação e valorização das contribuições do marxismo – em especial do marxismo-leninismo – às teorias antirracistas e anticoloniais nas lutas norte-americanas.

Se é característico de nosso século e da hegemonia burguesa liberal o sequestro das pautas da classe explorada, confundindo-a e fazendo crer que não há teoria que explique sua situação no mundo, a obra aparece como um arsenal crítico que não apenas nos fornece um panorama histórico de como a teoria influencia a práxis de luta, mas também nos abraça como um grande material crítico para que pensemos a transformação de nossa própria realidade. Trata-se, portanto, de um livro essencial, necessário e, ousado dizer, obrigatório.

CONSULTE A BIBLIOTECA VIRTUAL DA *CRÍTICA MARXISTA*

<http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista>

CRÍTICA marxista

O retorno de Engels

John Bellamy Foster

Althusser e o materialismo do encontro

Cesar Mangolin

Marx e o colonialismo

Flávio Miranda

Classes e movimentos sociais

Eliel Machado

Classe média e corrupção

Sávio Cavalcante

Dossiê Marxismo e relações internacionais

46